



Brasília e as pirâmides

Um curso de Egiptologia, no que pode interessar ao leitor, a pessoa comum? aparentemente pouco. Parece ser enorme a distância entre a civilização egípcia e capital brasileira. E é justamente para provar o contrário informar as afinidades culturais e as semelhanças que Iara Kern se juntou a Menhenufis e Zornay formando o ciclo de palestras que começa na segunda-feira próxima no Memorial JK.

Como ciência e como intuição o conhecimento do Antigo Egito veio se encontrar nas pessoas de Iara Kern, Roberto de Paula Braga e Maria Lúcia Távora Gil Braga. Iara, arqueóloga e pesquisadora, trazem do conhecimento dito científico, o da pesquisa de campo. Roberto e Maria Lúcia, a intuição, o conhecimento intuitivo praticado mas nem sempre explicável a nível físico. A primeira, por passagens em extenso currículo acadêmico, os segundos pela metamorfose alcançada deliberadamente com a abertura de alguns canais mentais/ espirituais. A primeira, conservando seus códigos científicos, os segundos adotando novas relações com o universo imediato a tal ponto que as próprias assinaturas mudaram para Menhenufis e Zornay, respectivamente.

"Resolvemos fazer juntos um trabalho que vinha sendo feito e desenvolvido em separado. Unindo a necessidade que cada um dos lados sentia em se completar com o outro. E é assim que vamos apresentar um ciclo de palestras dividindo a compreensão da cultura egípcia em científica e mística. Achamos que existem muitos fenômenos que tem muito a ver com a nossa realidade, no entanto, são muito poucos estudados por nós."

Iara aproveita e abre a conversa com o assunto que mais a fascina e que é motivo do seu próximo livro a ser lançado no dia 15 de agosto, as coincidências entre a civilização egípcia e a arquitetura brasiliense. O que já lhe deu alguns anos de trabalho, um filme que percorre o mundo, audiovisuais e pequenos livros publicados nos mais diversos idiomas. De Aknaton a JK, o filme dirigido em parceria com Pedro Torre, foi adquirido pelo Departamento de Turismo do DF e percorre embaixadas no Brasil e no exterior mostrando uma face pouco conhecida mas muito séria desta capital enclavada no Planalto Central. Enquanto isso Iara se expande procurando novas formas de expressão. E é dessa procura que nasce sua nova fase, a pintura. Ela lhe permite linguagens mais acessíveis para chegar ao público. E a arqueóloga especializada

em Egiptologia procurando formas intuitivas, de comunicação. Depois das dificuldades que sentiu — não há bibliografia em português — no aprendizado procura amenizar o trabalho de iniciação dos novos interessados.

"Sempre senti uma atração muito grande pelo Egito. Desde criança me sentia ligada a coisas que diziam respeito a matéria. Mas as etapas foram se sucedendo de forma sempre inintencional. Primeiro, quando defendi tese sobre a Sexta Dinastia na Universidade de Queens, em Nova Iorque, onde fiquei dois anos. Depois, no tempo em que morei no Cairo, finalmente, quando conheci o casal Minhenufis e Zornay, através de um encontro com o mestre, no Rio de Janeiro.

Quando cheguei a Brasília, pela primeira vez, fiquei encantada. Tudo era igual ao que eu vi no Egito. Desde o edifício da CEB, que era uma réplica da pirâmide de Saakara, justamente a que eu mais me dedicava a estudar, até pequenos detalhes de clima, de comportamento de solo, de cultura!"

Um aparte do repórter faz com que Iara se desvie do seu assunto preferido. Oscar Niemayer teria dito ser besteira essa preocupação em identificar formas egípcias na arquitetura de Brasília. "Mas ele também disse, em entrevista para uma revista americana, que os arquitetos contemporâneos deviam estudar melhor as formas arquitetônicas das civilizações antigas".

Brasília chegava na vida de Iara como passagem. Viria apenas para duas palestras sobre o trabalho que desenvolvera na Universidade do Cairo. Se apaixonou pela cidade e aceitou convite da Universidade de Brasília para pesquisa sobre civilizações antigas no Estado de Goiás. "Começava a sentir que tinha algo me impelindo, que nem tudo podia

acontecer ou ser explicado a partir de um estudo aprofundado do Tarot egípcio ou da cabala hebraica. Que haviam acontecimentos que se sucediam sem que eu pudesse interferir. Talvez por isso mesmo tenha descoberto tanta coisa nas grutas goianas de Paraunam Nontalvania, Morro Perdido, onde estudos geológicos registram 450 milhões de anos de existência e de onde vem a comprovação de uma terra antes tomada pelo mar e sua conseqüente acidez que perdura até nossos dias. As inscrições encontradas nesses sítios provam que houveram períodos civilizatórios anteriores. Sobre isso tenho até um projeto submetido a órgãos educacionais e de pesquisa, que propõe o estudo da civilização pré-cabralinas nas escolas. Para que se possa aprender um pouco mais profundamente nossa história".

Tempo e espaço são poucos sejam quais forem, para uma entrevista com Iara, Roberto e Maria Lúcia. Mas os flashes podem registrar momentos que congelados, se subdividem em novas e fascinantes leituras. Que vão do aspecto imediato ao iniciático. Os três falam em Brasília como uma terra de promessa, um "celeiro inconcebível para os nossos parâmetros" e de onde jorrará literalmente leite e mel". Mario Rose de Luna, em seu livro "Conferências Teosóficas na América do Sul", fala de uma terra prometida entre as bacias do Prata e do Amazonas. E isso vem se encontrar com as profecias de D. Bosco que dão o mesmo prognóstico para a região situada entre os paralelos 15 e 20, afirma Roberto. "E desde o império que se sente uma compulsão pela interiorização do País", comenta Iara. "E isso vem confirmar os estudos inclusive geológicos... o homem tem redescoberto o cerrado e está criando tecnologia próprias de exploração de solo. De certa forma, reutilizando conheci-

mentos antigos que permitiam irrigação e aproveitamento de ciclos climáticos".

E os ciclos climáticos são também coincidência das quais Iara fala. Segundo um depoimento que lhe deu um diretor da Nasa, o Planalto Central do Brasil, pela sua constituição compactada de solo, única no globo terrestre, seria a única região do Planeta não atingível pelos danos da bomba atômica. Outras coincidências se dão com Iara, chamando para o seu lado institucional. O encontro com o casal Roberto e Maria Lúcia, por exemplo:

"Em 70, antes de viajar para os Estados Unidos, fui convidada para vir ao Rio de Janeiro e conhecer a OFO, uma Ordem dirigida pelo sacerdote Aktron. A partir daí fiquei muito transbordada com as revelações que se sucediam e que demonstravam minha ligação e integração com o Egito. Fiquei sabendo que faria muitas palestras pelo Brasil, o que realmente sucedeu, e hoje, quatorze anos depois, vim me encontrar sempre instintivamente, com seus fundadores que são exatamente Menhenufis e Zornay. Justamente quando ambos os lados precisavam se completar. Comprovando a tese de ciência e intuição, de Egito e Brasília."

Coincidências que integram outras como o fato de o casal ter viajado para o Egito em 80, antes de conhecer Iara, e no mesmo ano em que se encontrariam em Brasília. E que, por sua vez, se estendem a fatos curiosos como a mudança dele para Brasília cuja infra-estrutura local fora decidida, montada e organizada em apenas três dias.

"E a data do início do nosso trabalho aqui que foi a mesma em que começamos no Rio. Lá, no dia 20 de janeiro de 1960 e aqui, 24 anos depois exatamente no dia 20 de janeiro."

Coincidência?



Roberto, Maria Lucia e Iara: um projeto que une ciência e intuição

Crie Abelhas

Tecnapi lhe oferece:

- Curso de iniciação a apicultura, Projetos e Equipamentos Apícolas.
- Assistência Técnica - Assinaturas do Jornal "Correio do Apicultor"
- Fornecemos Mel puro com garantia
- Serviço grátis de Socorro e captura de Enxames

SDS - Ed. Venâncio VI - Sala 422

Fones: 242-4207
562-9993